

Diálogo assimétrico na historiografia brasileira: A Nova História entre os anos 1985 e 1994

*Asymmetrical dialogue in Brazilian historiography:
The New History between the years 1985 and 1994*

Thiago Granja Belieiro*

Hélio Rebello Cardoso Jr.**

Resumo

O artigo mobiliza a noção de diálogo assimétrico para caracterizar a posição da historiografia brasileira na historiografia global. A seguir, analisa o diálogo teórico e metodológico dos historiadores da Universidade de São Paulo com a historiografia francesa da Nova História, investigando características do Programa de Pós-graduação em História como lugar de produção, estudando ainda um conjunto de seis trabalhos defendidos na USP entre 1985 a 1994.

Palavras-chave

História da historiografia. Historiografia brasileira. Diálogo assimétrico.

Abstract

The article mobilizes the notion of asymmetric dialogue to characterize the position of Brazilian historiography in global historiography. Next, it analyzes the theoretical and methodological dialogue of the historians of the University of São Paulo with the French historiography of the New History, investigating characteristics of the Postgraduate Program in History as a place of

* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, docente da Universidade do Oeste Paulista. Contato: thiagobeli@hotmail.com.

** Professor livre docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Contato: herebell@hotmail.com.

Keywords

History of historiography. Brazilian historiography. Asymmetric dialogue.

Introdução

O fenômeno da globalização,¹ caracterizado pela eliminação das fronteiras econômicas, sociais e culturais, cujas marcas mais intensa podem ser observadas na economia, na circulação de bens, pessoas, informações e conhecimentos tiveram também seus desdobramentos no meio acadêmico. A História global, um empreendimento historiográfico em vigor desde o início dos anos 1990, pode ser vista como uma área historiográfica intimamente influenciada pela globalização. Com variadas abordagens e correntes historiográficas, entre elas, a história conectada, cruzada, transnacional, comparada, global ou mundial, suas características centrais são tentativas de superação do nacionalismo metodológico, por um lado, e por outro, a superação da visão eurocêntrica/ocidentalista da história.² A história intelectual, e especialmente, a história da historiografia são outras áreas historiográficas que têm sentido os efeitos da globalização de maneiras variadas. A primeira vivência sua *International Turn*,³ e a segunda, a história da historiografia, participa de processo semelhante, através da criação, em 2012, da International Network of Theory and History, juntamente com a colaboração internacional em inúmeros eventos e periódicos acadêmicos, que podem ser vistos como indicativos de uma preocupação mais internacionalizada nos estudos de história da historiografia. Nesse sentido, a publicação de livros tais como: *Global History of Modern Historiography*, de Georg G. Iggers, Edward Wang com a colaboração de Suprya Mukherjee,⁴ é significativo de um esforço de compreensão da história da historiografia

¹ SINGER, Paul. Globalização, afinal, do se trata? *Cadernos Escola do Legislativo*. Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 25-61. jan/jun. 1998.

² SANTOS JR, João Júlio Gomes dos, SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Revista Tempo*. Niterói, v. 23, n. 3, p. 482-502, set/dez. 2017.

³ ARMITAGE, David. The International Turn in Intellectual History. In: Darrin M. Macnahan, Moyon, Samuel. *Rethinking Modern European Intellectual History*. New York, Oxford University Press, 2014, p. 232-252.

⁴ IGGERS, Georg G. WANG, Edward. *Global History of Modern Historiography*. Londres, Pearson, 2007. IGGERS; Georg Q. WANG. Edward (Org.). *Marxist Historiographies*. 1ed.London/New York: Routledge, 2016.

numa perspectiva global. Para os autores, a história da historiografia em perspectiva global, procura, entre outros objetivos, perceber como ocorrem as interações entre os diferentes contextos historiográficos nacionais. Segundo eles, o processo de modernização historiográfica, caracterizada pela busca incessante de métodos e teorias, amplamente amparados nas Ciências Sociais, é um fenômeno global, pois ocorreu ao mesmo tempo em vários contextos nacionais distintos.⁵ ⁶ Cumpre destacar ainda, os trabalhos de Daniel Woolf com o livro, *A Global History of History*,⁷ e ainda, obra coletiva organizada e editada em cinco volumes pelo mesmo autor com o título: *The Oxford History of Historical Writing*,⁸ ambos os trabalhos marcados por uma reflexão global em torno do fazer historiográfico.

Por seu turno, a historiografia brasileira experimentou nas últimas quatro décadas um vertiginoso crescimento quantitativo dos seus *lugares* de produção, isto é, dos seus programas de pós-graduação em História, e que, por isso mesmo, viu sua produção aumentar em números e em qualidade. Além disso, a relação dos historiadores brasileiros com diferentes contextos e modelos historiográficos (uma constante na história da historiografia brasileira) ganha em riqueza e complexidade nessas últimas décadas, pois se intensificam os contatos e a interlocução dos historiadores brasileiros com diversas correntes historiográficas que circulam na historiografia global. Nesse sentido, podemos apontar a grande complexidade desse fenômeno, representado pela presença de modelos teóricos, conceitos e metodologias de pesquisas oriundas da historiografia francesa e da historiografia inglesa, alemã, italiana, norte-americana, indiana e latino-americana.⁹ Esse rico e variado diálogo com

⁵ IGGERS, WANG, 2007.

⁶ A revista *History and Theory* dedicou um Theme Issue, intitulado: History and Theory in a Global Frame, em dezembro de 2015, justamente para se pensar a historiografia em perspectiva global. Um ano depois, Jurandir Malerba publica ensaio para mostrar como perdura uma percepção eurocêntrica da história da historiografia e como a historiografia latino-americana segue recebendo pouca atenção em trabalhos recentes da área. MALERBA, Jurandir. History of historiography from a slightly cosmopolitan point of view. *History and Theory*. Wesleyan University, Theme Issue 5, p. 1-08, May 2016. DOI: 10.1111/hith.

⁷ WOOLF, Daniel. *A Global History of History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

⁸ WOOLF, Daniel. *The Oxford History of Historical Writing*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

⁹ FICO, Carlos e POLITO, Ronald A. A historiografia brasileira nos últimos 20 anos: tentativa de avaliação crítica. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, n. 13, Junho/94. DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica nos anos 80: Mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira – (IV)*. Porto Alegre: Evangraf, 1993; DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica Brasileira nos anos 80: experiências e horizontes*. Passo

correntes historiográficas distintas coloca-nos o problema de pensar qual a posição ocupada pela historiografia brasileira na historiografia global. A essa posição nomeamos *historiografia brasileira global*.

Nesse artigo, vamos nos dedicar a analisar o fenômeno da historiografia brasileira global, de acordo com a historiografia dos problemas como proposta por Blanke,¹⁰ através da análise da produção historiográfica do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo (PPGH-USP), no período compreendido entre os anos de 1985 a 1994, com foco específico na produção de dissertações e teses produzidas a partir dos diálogos estabelecidos pelos historiadores uspianos com os historiadores franceses da terceira geração dos *Annales*. Com efeito, a produção uspiana dentro dos temas da Nova História,¹¹ dentre eles, a História do Imaginário, das Mentalidades, da Religiosidade e da Sexualidade, podem servir de importante escopo empírico para a reflexão do posicionamento e das relações teóricas e metodológicas travadas pelos historiadores brasileiros com a historiografia francesa.

A escolha desse enfoque empírico se justifica por duas razões centrais. Em primeiro lugar, por se tratar de objeto de pesquisa de doutoramento desenvolvido pelos autores, o primeiro como discente, o segundo como orientador, ocasião em que muitas das conclusões desse trabalho puderam ser desenvolvidas com maior profundidade e acuidade, sendo este artigo, portanto, uma amostra em pequena escala que se apoia em, e deriva da pesquisa de maior amplitude.¹² Em segundo

Fundo: Editora da UPF, 2004; RAGO, Margareth. A Nova Historiografia Brasileira. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 11, julho de 1999. p. 74; D'ALLESSIO, Marcia Mansor. Os *Annales* no Brasil: Algumas Reflexões. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 2, maio de 1994; MALERBA, Jurandir; JESUS, Ronaldo Pereira de. Marxism and Brazilian Historiography. In: Georg Iggers; Q. Edward Wang. (Org.). *Marxist Historiographies*, op. cit., p. 23-24.

¹⁰ Uma das vertentes da historiografia dos problemas é refletir acerca das relações entre diferentes historiografias nacionais. BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

¹¹ A Nova História é movimento historiográfico liderado pelos historiadores da terceira geração dos *Annales*, tendo entre eles autores como Jacques Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, Phillipe Ariès, entre outros. A característica central da Nova História é o diálogo teórico e metodológico estabelecido com a Antropologia, diálogo esse responsável pela abertura dos temas característicos da Nova História, tais como a História das Mentalidades, do Imaginário, do Cotidiano, da Sexualidade, da Religiosidade, da Família e da Infância, entre outros. A esse diálogo epistêmico entre a História e a Antropologia originou-se o fenômeno historiográfico nomeado de antropologização da História.

¹² BELIEIRO, Thiago Granja. *A presença dos Annales no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, 1985-1994*. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Assis, 2018.

lugar, o Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, possuía, no período em foco, uma posição proeminente no campo historiográfico brasileiro, não só pelo volume de sua produção, mas também por congregar historiadores de todo o Brasil, haja vista ser um dos poucos programas a contar com o doutorado naquele contexto. E mais, a internacionalização do programa, iniciada na fundação da Universidade de São Paulo, sempre teve fortes relações com a historiografia dos Annales, que embora não seja exclusiva, é preponderante nas referências teóricas e metodológicas do programa. Por fim, o período elegido, entre 1985 a 1994, é significativo no que diz respeito à produção historiográfica brasileira conectada aos temas da Nova História, nesse e em outros lugares de produção historiográfica.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, vamos realizar algumas reflexões em torno do posicionamento brasileiro na historiografia global, tendo como referência os estudos de história da historiografia. Na segunda parte, já dedicada a um esforço empírico, vamos analisar uma pequena parte da produção historiográfica do PPGH-USP, com o fim de perceber diálogos teóricos e metodológicos, bem como as práticas historiográficas da produção uspiana especificamente ligada aos estudos da Nova História. Nesse intuito, dividimos essa segunda parte em dois blocos. Seguindo orientações da análise historiográfica em Certeau,¹³ vamos em primeiro lugar estudar as determinações do *lugar* de produção, ou seja, nosso esforço será o de perceber no programa de pós-graduação as relações diretas e indiretas com a historiografia dos Annales da terceira geração. A seguir, no segundo bloco dessa parte, nosso intuito é analisar um pequeno conjunto de dissertações e teses produzidas no programa, com o fito de perceber na *fabricação* desses textos historiográficos, características dos diálogos dos historiadores uspianos com a produção francesa da Nova História, entre os anos de 1985 a 1994. Esse estudo demonstrativo define as singularidades da inserção brasileira na historiografia global. Entre as duas partes do artigo, apresentamos a ideia de *diálogo assimétrico*. Este é o principal resultado desse artigo, pois essa expressão fornece imagem unificadora de nosso argumento.

¹³ CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 45-115.

História da Historiografia e posição brasileira na historiografia global

Uma das características denotativas do amadurecimento da historiografia brasileira é a importância que a área de história da historiografia vem experimentando no país, nos últimos dez anos. Esse crescimento da área é facilmente percebido na criação de periódicos especializados, nos seminários e eventos específicos e, principalmente, na forte internacionalização dos pesquisadores dedicados ao tema.¹⁴ Como exemplo desse processo, podemos citar a inserção dos pesquisadores brasileiros da área na International Network of Theory and History, que teve sua última conferência realizada na Universidade Federal de Ouro Preto, em agosto de 2016, reunindo pesquisadores brasileiros e de várias partes do globo.

Os estudos de Pimenta e Araujo mostraram, dentro da história dos conceitos, que o conceito de história como *Geschichte*, isto é, a ideia mesmo de uma história na acepção moderna do termo, como demonstrado por Koselleck, cristalizou-se na América Latina quase ao mesmo tempo em que na Alemanha. A emergência do moderno conceito de história estaria ligada, na América Latina, aos processos de independência, que teriam aberto um novo espaço de experiência da modernidade, isto é, um novo horizonte de expectativa deslocado do campo de experiência. Essa percepção teórica teria possibilitado que a ideia moderna de história circulasse entre os historiadores brasileiros e latino-americanos, precocemente, reforçando a singularidade da inserção da historiografia brasileira na historiografia global.¹⁵

Num caminho semelhante, Pereira, Santos e Nicodemo estudaram a presença do conceito de historiografia entre os historiadores brasileiros entre 1870 a 1950, período de transição entre a historiografia produzida nos Institutos Históricos e a produção acadêmica das universidades criadas no país na década de 1930. Para os autores, a existência do conceito de historiografia indica um processo de disciplinarização e legitimação do conhecimento historiográfico, ocorrido inicialmente em meados do século XVIII nos países de língua inglesa, alemã e francesa, concomitantemente. No Brasil, por sua vez, a cristalização do termo dar-

¹⁴ MEDEIROS, Bruno Franco. Introdução. In: MEDEIROS, Bruno Franco; SOUZA, Francisco Gouveia; BELCHIOR, Luna Halabi; RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus H. F. (orgs.) *Teoria e Historiografia: Debates Contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 7-19-204.

¹⁵ PIMENTA, João Paulo Garrido; ARAUJO, Valdeci Lopes de. Verbete "História" in: *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

se-á tardiamente, isto é, entre o final do século XIX até meados dos anos 1950, período marcado pela institucionalização da historiografia brasileira com a criação da Universidade do Distrito Federal e da Universidade de São Paulo. Com isso, ainda que tardiamente, o uso do termo historiografia entre historiadores brasileiros significa, para os autores, que a historiografia brasileira vivenciava um processo de modernização e disciplinarização do saber historiográfico no contexto da criação e consolidação das universidades brasileiras. Desse modo, baseando-se na experiência brasileira, os autores mostram que a presença e as características do termo historiografia demonstram que os historiadores brasileiros estiveram conectados ao processo de modernização da historiografia global, à medida em que aqui se advoga a favor de uma história acadêmica e profissional, isto é, a mais próxima possível de uma ciência, como ocorrido nos centros hegemônicos de produção.¹⁶

Apesar disso, há de se reconhecer que a perspectiva eurocêntrica está fortemente presente na historiografia global, e tal questão incidiu e incide sobre as produções historiográficas brasileira e latino-americana. Dentro desse escopo reflexivo, os mesmos autores publicam outro artigo com o sugestivo título: *Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão*.¹⁷ No texto, os autores discutem como a historiografia latino-americana e brasileira, em especial, tem se servido de categorias historiográficas gestadas no “centro” e que são amplamente adotadas nos estudos históricos da “periferia”. Para os autores: “a recepção e apropriação das ideias e práticas historiográficas europeias, se sobrepondo à cultura local [...] no continente gerou a interpretação de que a historiografia latino-americana”¹⁸ se estabeleceu num completo contraponto à cultura local. Um dos efeitos negativos desse processo, são os encaixes da realidade local aos modelos europeus, na “convenção historiográfica (alienígena) utilizada”.¹⁹

Contudo, retomando a postura adotada no artigo anteriormente citado, os autores procuram negar a posição periférica da historiografia brasileira, primeiro retomando os argumentos de que o moderno conceito de história estava presente no horizonte historiográfico brasileiro desde o

¹⁶ PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian historical writing in global perspective: on the emergence of the concept of “historiography”. *History and Theory*. Wesleyan University, Theme Issue 54, p. 84-104, December 2015. DOI: 10.1111/hith. 10780.

¹⁷ PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 161-186, jan/abr. 2017.

¹⁸ PEREIRA; SANTOS; NICODEMO, 2017, p. 170.

¹⁹ Idem, p. 171.

século XIX. A seguir, segundo os autores, o “ensaísmo social” típico das obras de Paulo Prado, Manoel Bonfim e Sérgio Buarque de Holanda são representativos de um pensamento histórico moderno, isto é, conectado à projeção de um novo horizonte de expectativas para o Brasil. Por fim, segundo os autores, não podemos falar em relações rígidas de influência do centro para a periferia, não apenas de adaptações criativas de conceitos, teorias e modelos metodológicos de pesquisa, mas sim de repensar “como os próprios modos de se fazer a história sofrem modificações significativas”²⁰ nesses contatos entre a produção do centro e da periferia. Discutindo os casos dos estudos pós-coloniais e dos *subaltern studies*, os autores mostram que é possível a superação de uma história e de uma história da historiografia eurocêntrica.

Refletindo sobre o grande crescimento do campo da teoria e da história da historiografia na historiografia brasileira recente, Franzini coloca-se indiretamente nesse debate. Para o autor, o crescimento daquilo que ele nomeia de *reflexão historiográfica*, isto é, que inclui a teoria e a história da historiografia, vem crescendo no Brasil em paralelo com o que ocorre em outros contextos historiográficos. Reconstituindo essa virada historiográfica no contexto brasileiro e europeu, Franzini mostra que o fenômeno de crescimento dessas *reflexões historiográficas* não é exclusivo do Brasil, indicando que a historiografia brasileira participa de um crescimento da reflexão historiográfica em nível global, causada em parte pela chamada crise da história, muito embora isso não ocorra em sintonia estrita e nas mesmas condições de igualdade com outros cenários intelectuais.²¹

A tese de doutoramento de Igor Guedes Ramos, intitulada: *Genealogia de uma operação historiográfica: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980*²² é exemplar para pensarmos as singularidades da inserção da historiografia brasileira na historiografia global. O trabalho, dedicado a analisar os processos de recepção e apropriação dos pensamentos de Thompson e Foucault na historiografia acadêmica brasileira, busca, precisamente, afastar-se das teses que apontam uma recepção acrítica e dogmática de pensadores estrangeiros, mostrando,

²⁰ PEREIRA; SANTOS; NICODEMO; 2017, p. 173.

²¹ FRANZINI, Fábio. Esboço de um autorretrato: observações e impressões sobre a reflexão historiográfica no Brasil entre os séculos (1990-2010). In: MEDEIROS, Bruno Franco; SOUZA, Francisco Gouveia; BELCHIOR, Luna Halabi; RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus H. F. (Org.). *Teoria e historiografia*, op. cit., p. 195-210.

²² RAMOS, Igor Guedes. *Genealogia de uma operação historiográfica: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980*. São Paulo: Edunesp, 2015.

pelo contrário, que essa apropriação se ligara a interesses de pesquisa e a ampliação dos temas, objetos e perspectivas de pesquisa histórica no contexto da expansão dos lugares de produção historiográfica que teve lugar, nos anos 1980 e 1990, num movimento que vinha ocorrendo desde os anos 1970. Com isso, o importante para o autor é perceber como os historiadores brasileiros “*tomaram posse de forma adequada a suas condições e interesses* das reflexões, das categorias, dos métodos, das concepções de história, das teses, e outros, de Thompson e Foucault que circulavam pelos meios acadêmicos mundiais”.²³

Com isso, essa apropriação se fez dentro de um rico, criativo e singular processo historiográfico, marcada em muitos casos, pela junção, aparentemente díspare dos dois autores. Ainda que possamos falar de uma relação de apropriação certamente assimétrica, ou seja, a recepção da “periferia” dos pensamentos de autores do “centro” os usos e as práticas que tal apropriação gerou são vistas pelo autor como manifestações singulares e peneiras de criatividade dos historiadores brasileiros, conectadas às questões que envolviam os próprios rumos da historiografia brasileira em direção à crítica aos modelos historiográficos abstratos, modelares e formalizados.

Outro trabalho que segue postura analítica semelhante é a dissertação de Raphael Cesar Lino, intitulada: *Apropriações da micro-história na historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990*. A pesquisa, que se dedica a problematizar os efeitos da presença da micro-história nas práticas e experiências historiográficas dos historiadores brasileiros, mostra que a utilização desses aportes teóricos não foi mera cópia ou reprodução de modelo historiográfico estrangeiro e significou um amálgama entre diferentes contextos, um diálogo que ocorreu de diferentes maneiras e intensidades, pautadas em novas práticas historiográficas. Esse diálogo e essa apropriação incidiram na produção de trabalhos originais, ainda que amparados teoricamente nos aportes da micro-história italiana. Dessa forma, eles não significaram completa subordinação e apropriação acrítica, antes significaram diálogos ricamente elaborados com diferentes correntes historiográficas, entre elas a Nova História, da Nova História Cultural e obviamente da Micro-história. Mais uma vez, a análise das práticas historiográficas é reveladora de um processo complexo de relacionamento da historiografia brasileira com a historiografia global, aqui pautada pela singularidade de um diálogo que ocorre com diferentes contextos historiográficos.²⁴

²³ RAMOS, 2015, p. 7.

²⁴ LINO, Raphael Cesar. *Apropriações da micro-história na historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

É interessante perceber que esses posicionamentos estão claramente marcados por uma postura que coloca a historiografia brasileira em uma posição de relativa igualdade teórica, uma vez que aqui estariam presentes conceitos de história, historiografia e reflexão historiográfica, que aproximam a historiografia brasileira dos centros hegemônicos de produção. Por outro lado, a postura dos dois últimos trabalhos citados é a de ver a apropriação de conceitos, modelos e práticas metodológicas como singularidades, ainda que pautadas pela incorporação de aportes teóricos gestados na Europa e seus usos e aplicações na realidade histórica brasileira.

A mesma visão pode ser encontrada em Iggers e Wang, que concordam que o processo de modernização historiográfica teve lugar na América Latina pelo uso mais sistemático de fontes e arquivos, em paralelo ao que ocorria nos movimentos da historiografia global. Os autores mostram ainda como aconteceu aqui um movimento de profissionalização do saber historiográfico, ocorrido, no caso brasileiro, pela criação da Universidade de São Paulo, que possibilitou à historiografia brasileira a adoção dos aportes teóricos e metodológicos dos *Annales*. Com relação à presença dos estudos historiográficos marxistas, os autores apontam as singularidades do marxismo latino-americano, ligados às reflexões da dependência estrutural do capitalismo periférico. No que diz respeito aos anos 1980, Iggers e Wang mostram que aqui também se praticou uma história vista de baixo, dos trabalhadores, escravos e pessoas comuns, na adoção sistemática de modelos teóricos e metodológicos europeus e norte-americanos, com Thompson ocupando posição central. E mais, mostram que discussões teóricas de fundo, como as relativas às fontes orais, a desconstrução dos discursos dos historiadores, a busca da semiótica, à crítica literária e outras formas alternativas de análise textual ocorreram na historiografia brasileira e latino-americana, reforçando nossa percepção acerca das singularidades da nossa inserção na historiografia global.²⁵

Levando-se em conta as características descritas acerca da historiografia brasileira global nos balanços recentes, apresentaremos o que, para nós, representa a expressão desse processo. Sendo assim, proporemos e discutiremos em seguida a ideia de *diálogo assimétrico*.

Historiografia brasileira global: diálogo assimétrico

As questões que envolvem o amadurecimento da historiografia brasileira e o crescimento da área de estudos de história da historiografia,

²⁵ IGGERS; WANG, 2007, p. 290-295.

juntamente com o *International Turn* dentro da área, nos conduzem diretamente para a reflexão sobre a posição brasileira na historiografia global. Estudos recentes, dedicados, especialmente, a pensar as relações teóricas e metodológicas dos historiadores brasileiros com correntes teóricas internacionais, característica central da produção historiográfica brasileira como um todo, tem rediscutido a velha questão da dependência e da subordinação teórica e metodológica dos historiadores brasileiros.²⁶ Com isso, é preciso também reconhecer que houve, nas últimas duas décadas, uma percepção mais aprofundada e crítica das alegadas dependências e posição periférica da historiografia brasileira. Tal percepção busca superar essa visão e apontar um novo posicionamento da historiografia brasileira na historiografia global. Como resultado de pesquisa em andamento, tanto de autores dedicados à história da historiografia, como da nossa tese de doutoramento, da qual o presente artigo deriva, podemos afirmar que a historiografia brasileira estabelece um *diálogo assimétrico* com os centros hegemônicos de produção historiográfica.

A ideia de diálogo assimétrico,²⁷ aqui mobilizada para caracterizar o posicionamento da historiografia brasileira com a historiografia global, é reveladora de um espectro paradoxal que ronda a historiografia brasileira. Por um lado, participamos dos processos de disciplinarização e cientificação do saber historiográfico, iniciado em meados do século XIX, e que mesmo tardiamente, tiveram lugar na historiografia brasileira. A cristalização do moderno conceito de história, a circulação da noção de historiografia, e mais tarde, a participação dos historiadores brasileiros nas reflexões epistemológicas da história, e ainda, a inserção dos historiadores dedicados à história da historiografia nas redes internacionais e o próprio crescimento desse campo no Brasil nos últimos

²⁶ Araujo estuda as relações da historiografia brasileira com a historiografia alemã, relativizando visão comumente aceita de que a historiografia brasileira apenas dialoga com os historiadores franceses. ARAUJO, V. L. The history of concepts and the history of historiography: a Brazilian trajectory. In: MATA, Sérgio Ricardo da; PEREIRA, Luisa Rauter; MARTINS, Luiz Estevam. (Org.). *Contributions to Theory and Comparative History of Historiography Traditions*. German and Brazilian Perspectives. 1ed. Frankfurt am Main: Editora Peter Lang, 2015, v. 1, p. 175-193.

²⁷ Ao estudar a trajetória da historiografia latino-americana, Malerba aponta que a historiografia da região não surgiu “no vazio” e sim, intimamente conectada às matrizes do pensamento histórico ocidental. Essas conexões culturais e historiográficas, são reveladoras da crônica subordinação presente nas relações entre o centro (Europa, EUA) e a periferia (América Latina). Desse modo, essas relações culturais são marcadas, segundo o autor, pela assimetria entre as potências capitalistas e os países latino-americanos. A partir da sugestão dessa reflexão, desenvolvemos a ideia de diálogo assimétrico. MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 27.

anos são alguns dos elementos reveladores desse diálogo mobilizados nesse texto. Contudo, o paradoxo emerge na medida em que tomamos consciência da assimetria dessa interlocução. Os historiadores brasileiros, do ponto de vista teórico e metodológico, escutam muito mais do que falam. *Escutar*, nesse caso, significa ler, assimilar, incorporar e se apropriar das correntes e escolas historiográficas, dos modelos teóricos e metodológicos. Tomamos parte em sofisticadas reflexões epistêmicas, reverberando e replicando na periferia questões gestadas no centro. Esse é o paradoxo do diálogo assimétrico: os historiadores brasileiros ouvem os historiadores internacionais mais do que dialogam com eles, mas isso não quer dizer que daí não surja uma produção historiográfica autônoma e criativa, inclusive teoricamente.

Dada a natureza complexa do fenômeno, apontamos algumas singularidades da inserção da historiografia brasileira na historiografia global que a ideia de diálogo assimétrico procura assinalar. A primeira delas está localizada no plano teórico, e indica que discussões teóricas globais estiveram presentes na historiografia brasileira, em paralelo com os centros hegemônicos ou com certo atraso, mediados ou não por outros contextos historiográficos. Com isso, como segunda singularidade está a complexidade dessa interlocução, que ocorre com diferentes contextos historiográficos, muitas vezes, *ao mesmo tempo*. A partir daí o diálogo ocorre no nível teórico e conceitual, e sobretudo, metodológico e relativo às práticas de pesquisa, revelando complexidade ainda maior. Com isso, é perceptível a circulação de reflexões teóricas, conceitos, metodologias e práticas de pesquisa das mais variadas no horizonte historiográfico brasileiro.

A partir dessas características, dois desdobramentos podem ser apontados para pensar a inserção da historiografia brasileira na historiografia global através do diálogo assimétrico. O primeiro é relativo às potencialidades de pesquisa abertas à historiografia brasileira a partir desses diálogos, ou seja, como historiadores brasileiros descortinaram aspectos novos do passado histórico brasileiro, através de apropriações criativas de teorias e conceitos, práticas e metodologias de pesquisa. O segundo desdobramento do processo diz respeito propriamente à assimetria dessa interlocução, e conduz a reflexão a aspectos relativos ao uso de teorias, conceitos e metodologias de pesquisas gestadas nesses contextos históricos e historiográficos e sua aplicação à realidade histórica brasileira.

É necessário apontar que o diálogo assimétrico engloba ainda uma dimensão institucional, ou seja, está fortemente marcada pelas relações entre governos e instituições culturais e de pesquisa estrangeiras e brasileiras. Essas relações institucionais e acadêmicas são também

marcadas pela assimetria, e incluem o intercâmbio de pesquisadores, o acesso a recursos, bibliotecas e centros de pesquisa, entre outras questões. Contudo, essa dimensão do diálogo assimétrico não poderá ser desenvolvida por fugir aos objetivos traçados para esse texto.²⁸

Uma vez especificada a ideia de diálogo assimétrico que norteia o presente artigo, passaremos a tratá-la empiricamente, recorrendo a exemplos do que estamos denominando de historiografia brasileira global.

Entre o lugar e as práticas: a Nova História e a antropologização da historiografia uspiana

Se para Iggers e Wang, a historiografia do século XX é vista numa perspectiva global, isso quer dizer que fenômenos historiográficos ultrapassam as fronteiras nacionais. Foi assim, por exemplo, que os autores mostraram o processo de modernização do saber historiográfico, ocorrido a partir do método rankeano que se difunde globalmente em fins do século XIX.²⁹ Outro fenômeno observado globalmente pelos autores, diz respeito à interdisciplinaridade da História com as Ciências Sociais e, especialmente, nos anos 1960, da História com a Antropologia. Esse fenômeno, chamado por nós de antropologização da História,³⁰ não é marca exclusiva dos Annales, sendo comum em diferentes contextos historiográficos, ocorrendo paralelamente nos Estados Unidos, na Alemanha, na Índia, no Japão e mesmo na Rússia, com a presença de estudos que guardam relação de proximidade com a Antropologia sendo também uma realidade nesses países.³¹

A historiografia brasileira participa, a seu modo, desse processo de aproximação da História com a Antropologia. De maneira geral, apontamos que a antropologização da História no Brasil ocorre com as singularidades de sua inserção na historiografia global, reveladas pelo diálogo assimétrico. Isso faz com que a antropologização da história no Brasil ocorra com vários interlocutores ao mesmo tempo. Com efeito, historiadores brasileiros irão estabelecer rico diálogo com

²⁸ BELIEIRO, 2018.

²⁹ IGGERS; WANG, 2007, p. 1-16.

³⁰ Em pesquisa de doutorado já citada nesse texto, entendemos por antropologização a relação epistemológica mantida pelos historiadores com a Antropologia, marcada pela incorporação do conceito antropológico de cultura, pela abertura de temas vistos como exclusivamente antropológicos, pela incorporação de conceitos e teorias, e mais, pela concepção estrutural do tempo histórico, marcada ainda pelo retorno da narrativa. BELIEIRO, 2017.

³¹ IGGERS; WANG, 2007, p. 266-270.

a Nova História, mas também com outras correntes historiográficas antropologizadas, tais como o Marxismo Cultural, a Microhistória e a Nova História Cultural. Influenciados por essas correntes, haverá a interlocução direta com a antropologia clássica, e ainda, com os estudos antropológicos brasileiros. Obviamente que, dada a inserção da historiografia brasileira na historiografia global, questões teóricas e relacionadas ao contexto histórico e historiográfico brasileiro contribuem com esse processo. Vejamos.

Em primeiro lugar, é preciso perceber o descompasso temporal com que tais fenômenos, entre eles, os diálogos com diferentes correntes historiográficas, e conseqüentemente a antropologização, ocorrem no Brasil, haja vista o tempo para a tradução de obras, assimilação e circulação de modelos teóricos. Com isso, enquanto a Nova História da terceira geração dos *Annales* tem certo protagonismo na França, nos anos 1970, a presença dos novos objetos, novos problemas e novas abordagens vai ocupar a cena historiográfica no Brasil, entre meados da década de 1980 a meados da década de 1990. Tal constatação nos leva à segunda e mais importante peculiaridade da inserção da historiografia brasileira na historiografia global e na antropologização da História, qual seja, a adoção de temas, conceitos, teorias explicativas e metodologias de pesquisa que são aplicados à realidade histórica brasileira. No que diz respeito aos temas da Nova História, o que vai se observar é a presença da História das Mentalidades, do Imaginário, da Família, da Infância, do Cotidiano, da Sexualidade, das Festas, e da Religiosidade que se tornam temas comumente pesquisados na historiografia brasileira dos anos 1980 e 1990, em especial no PPGH-USP.³² Somados a esses temas, observamos a presença de questões teóricas, tais como às relativas ao tempo histórico, conceituais, sendo o conceito de imaginário, mentalidades, representações e circularidades culturais exemplares; metodológicas, marcadas principalmente pelo uso de fontes como as inquisitoriais e à citação dos autores estrangeiros. A singularidade marcante desse diálogo assimétrico, é a correlação entre duas realidades históricas distintas, a europeia e a brasileira. Por fim, destacamos a convivência, num mesmo trabalho, de temas, conceitos e teorias distintas mobilizadas na realização da pesquisa.³³

E ainda, é necessário apontar que os diálogos assimétricos dos historiadores no Brasil com os movimentos da historiografia global,

³² CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Produção História no Brasil 1985-1994*. Catálogo de Dissertações e Teses dos Programas de Pós-Graduação em História. São Paulo: CNPq/História USP – ANPUH, 1995.

³³ BELIEIRO, 2018.

fizeram com que questões teóricas globais se fizessem presentes na historiografia brasileira. Tais questões recolocam a evidência da noção de diálogo assimétrico, pois mais uma vez participamos dos debates, reverberando e replicando aqui questões gestadas nos centros hegemônicos. Com isso, é preciso reconhecer a presença de reflexões teóricas densas, tais como a crise do racionalismo moderno, a crise do marxismo,³⁴ a presença do paradigma pós-moderno de explicação historiográfica,³⁵ os efeitos do giro linguístico e o retorno da narrativa³⁶ como elementos presentes nessas discussões, sempre mediadas pelos autores estrangeiros. E mais, acreditamos que o contexto histórico brasileiro, da década de 1980, marcado pela crise política do fim do processo ditatorial, ao lado da crise da redemocratização parcialmente concretizada, marcada ainda pela profunda crise econômica e social, pela ascensão de novos partidos e movimentos sociais, pelas dificuldades de consolidação de um projeto de esquerda para o país, entre outras questões,³⁷ podem ter contribuído como pano de fundo propício para essas discussões epistemológicas, influenciando, enfim, no processo de antropologização da historiografia brasileira.

Um lugar de produção: O Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo – 1985-1994

Iggers e Wang enxergam, na criação da Universidade de São Paulo, o início do processo de modernização da historiografia brasileira, uma vez que, através da Universidade, teremos não só a profissionalização da prática historiográfica entre nós, mas também uma relação dialógica mais estreita com a então incipiente e marginal historiografia dos Annales. Apesar da proeminência dos mestres franceses, outros modelos teóricos e de organização administrativa oriundas da Alemanha, Estados Unidos e Itália se fazem presentes na Universidade de São Paulo.³⁸ É notória a discussão acerca da presença dos mestres franceses dos Annales como formadores da historiografia uspiana, incidindo inclusive na criação de

³⁴ DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica nos anos 80: Mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira – (IV)*. Porto Alegre: Evangraf, 1993.

³⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rívais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 19-51.

³⁶ CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro: ensaio sobre o giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980). *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 17, abr. 2015.

³⁷ MALERBA; JESUS, 2016, p. 22.

³⁸ MESGRAVIS, Laima. O Curso de Pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 3, p. 87-118, mar. 1983, p. 91.

uma memória de enaltecimento desse processo.³⁹ Inúmeros trabalhos têm se debruçado sobre a questão, ora enaltecendo ora relativizando essa presença. De certo modo, os *Annales* não podem ser vistos como modelos hegemônicos na historiografia uspiana, haja vista a importância do marxismo como modelo teórico proeminente nas dissertações e teses, ao lado daqueles dos *Annales*, até meados dos anos 1980. Pode-se falar então, que marxismo e *Annales* foram duas correntes teóricas que conviveram na historiografia uspiana durante boa parte do século XX, ao lado, ainda, de modelos positivistas e empiristas de produção historiográfica.⁴⁰

No início dos anos 1980, a produção historiográfica do PPGH-USP diversifica-se, ampliando suas referências teóricas e metodológicas e, principalmente, ampliando os interesses de pesquisa que então podiam ser observados. Análise quantitativa realizada em torno das dissertações e teses do programa, exclusivamente na área de concentração em História Social, revelou a presença de pelo menos 20 diferentes modalidades historiográficas, entre elas, a História Política, História das Religiões e Instituições Religiosas, História da Ciência, História Regional, História Urbana e das Cidades, juntamente com História das Ideias, História da Medicina e das Doenças, História Ambiental, História Oral, História Empresarial e dos Livros e por fim, um conjunto de trabalhos que podem ser classificados como pertencentes à História da Arte, à literatura, cinema e teatro.⁴¹ No que diz respeito à produção do programa ligada à Nova História, identificamos, no período compreendido entre 1985 a 1994, que 17% das dissertações e teses defendidas nesse lugar de produção tinham conexões com os *Annales*, precisamente 49 trabalhos num universo de 277.⁴² Com isso, longe de ser hegemônica, a Nova História é apenas um dos muitos caminhos assumidos pela produção do programa no período.

A organização das áreas de concentração e das linhas de pesquisa do PPGH-USP seguem os movimentos do campo historiográfico brasileiro como um todo, e a análise de suas características podem ser reveladores de relações e de diálogos da historiografia uspiana com a Nova História, nosso foco de investigação. O caso específico da área de concentração em História Social,⁴³ é sintomático da complexidade

³⁹ FERREIRA, Antonio Celso. A historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Raquel. (Org.). *Do passado ao futuro*: Edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 324.

⁴⁰ MALERBA; JESUS, 2016.

⁴¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Produção História no Brasil 1985-1994*, op. cit., p. 64-191.

⁴² Quantificação realizada por nós, tendo como fonte o catálogo citado acima. Idem, p. 64-191.

⁴³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Perfil dos Programas de Pós-Graduação em História do País. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 14, n. 28, 271-303, 1994, p. 298-303.

assumida pelo programa, uma vez que nessa área de concentração havia linhas e sublinhas de pesquisa. A presença dessas revela a grande diversidade de áreas e temas de pesquisa da História Social uspiana, evidenciando fortes conexões do programa, nesse período, com os temas e objetos historiográficos da Nova História. A primeira linha História e Cultura traziam sublinhas tais como: arte, ciências, **cultura material, imaginário**, linguagens, memória, **práticas culturais**.⁴⁴ A presença do termo cultura como denominadora da linha já fornece indícios da antropologização da história, e ainda, as sublinhas em negrito, indicam claramente áreas temáticas típicas da Nova História antropologizada.

Na linha de pesquisa História e Política, mais uma vez podemos fazer essas constatações, nesse caso numa relação entre o objeto político com nuances da Nova História. As sublinhas eram: identidades políticas, instituições, práticas, **representações** políticas (ideologia, **imaginário** e **símbolo**) e relações de poder e práticas discursivas. O conceito de representações é típico da linguagem da Nova História Cultural, e os conceitos de imaginário e símbolo, além de conectados diretamente à Nova História, podem ser reveladores de novas áreas abertas à História Política, tais como a da cultura política.⁴⁵ E mais, a sublinha relações de poder e práticas discursivas revela a presença do pensamento foucaultiano no PPGH-USP. A última linha é a de História das Ideias, que englobava as sublinhas: pensamento econômico, pensamento historiográfico e pensamento político. Por fim, havia ainda nessa linha a sublinha: **História da Família** e Relações de Gênero, a primeira, em negrito, claramente conectada aos temas abertos pela Nova História francesa. Com isso, o que se vê nessa pequena análise é a incorporação, nas linhas de pesquisa do programa, de conceitos e temas de pesquisa da Nova História no PPGH-USP.

A existência dessas linhas e sublinhas de pesquisa revelam presença marcante e institucionalizada da Nova História no PPGH-USP, sem dúvida, indicando desdobramentos institucionais que o diálogo assimétrico provocou na historiografia uspiana. Essas linhas denotam práticas historiográficas, conceitos, teorias e metodologias de pesquisa então em circulação no programa, observáveis ainda nos artigos publicados nas páginas da *Revista de História*, publicação periódica do programa.⁴⁶

⁴⁴ CAPELATO, 1994, p. 301.

⁴⁵ NÉSPOLI, José Henrique Songolano. Cultura Política, História Política e Historiografia. *Revista História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 361-376, mar. 2015.

⁴⁶ BELIEIRO, Thiago Granja. *Ondas da "História Cultural" na Revista de História da USP, 1980-2000*. Submetido para publicação.

Operação Historiográfica: análise de dissertações e teses

Para evidenciar as singularidades da inserção da historiografia brasileira na historiografia global, e reforçar nossa percepção acerca do diálogo assimétrico, seguindo ainda os caminhos traçados por Certeau para os estudos da *operação historiográfica*, vamos direcionar a investigação para as práticas historiográficas da produção uspiana ligada à Nova História. Para tanto, elegemos a produção de dissertações e teses do PPGH-USP, no período entre 1985 a 1994, como fontes de investigação. Como o número de trabalhos chega a 49, optamos pela análise dos textos publicados, selecionando entre esses a metade deles, com isso, temos um escopo de 6 pesquisas, ou seja, 12% das dissertações e teses produzidas no programa dentro dos diálogos com a Nova História, os quais são representativos do universo amostral.⁴⁷ O critério de escolha desses textos está assentado no fato de que todos eles mesclam História das Mentalidades, História do Imaginário, das Religiosidades e da Sexualidade na mesma pesquisa, possibilitando a análise da confluência de vários temas típicos da Nova História num único texto. Nesse escopo, o intuito central é perceber como os temas, conceitos, teorias e metodologias de pesquisa da Nova História estiveram presentes nessa produção. Com essa análise, podemos avaliar criticamente os diálogos dos historiadores uspianos com a terceira geração dos Annales, contribuindo com a reflexão acerca da posição brasileira na historiografia global.

Tendo em vista a economia de um espaço limitado, o procedimento adotado para essa investigação será a exposição resumida das características individuais dos trabalhos, seguidas da exposição das características comuns a eles. Acreditamos que esses temas espelham de maneira satisfatória os objetivos traçados acima. Com isso, as perguntas que colocamos a essas pesquisas são: como o texto foi inserido na realidade histórica brasileira? De que forma lida com a temporalidade, isto é, inserem-se na longa duração? Que relação mantém com processos de mudança? E ainda, quais as fontes privilegiadas? Como se dá o diálogo com a bibliografia francesa da Nova História? Existe

⁴⁷ É importante frisar que esses trabalhos foram analisados dentro de uma pesquisa de doutoramento já citada e realizada pelo autor, e que os resultados obtidos com as pesquisas não publicadas revelaram-se muito próximas daqueles analisados nesse artigo, isto é, o padrão aqui descrito foi encontrado no conjunto maior de trabalhos, constituído por 49 pesquisas, entre dissertações e teses. Dado o espaço limitado e a necessidade de seleção do material, optamos por parte dos textos publicados, pois acreditamos que estes são, provavelmente, de maior qualidade acadêmica. Ao mesmo tempo, textos publicados, geralmente, trazem repercussão e desdobramentos historiográficos em termos de crítica e inspiração a outros trabalhos. MALERBA, Jurandir. *Ensaíos: teoria, história & ciências sociais*. Londrina: Eduel, 2011, p. 161-162.

exclusividade nesse diálogo, ou outras referências da antropologização estão presentes? Essas referências estão presentes no corpo do texto? De que forma? Por fim, é possível perceber a presença de antropólogos nessa bibliografia? Quais? Aparecem no corpo do texto? Ou seja, seus conceitos e teorias são efetivamente utilizados? E como conclusão, como podem ser representativos da relação da antropologia com a história? O que as páginas seguintes mostram é a relevância do diálogo assimétrico para a percepção da singularidade do posicionamento da historiografia brasileira na historiografia global.

Laura de Mello e Souza defende a tese *O diabo e a terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, em 1986, sob a orientação de Fernando Novais.⁴⁸ A obra realiza o estudo da religiosidade popular, das práticas mágicas e da feitiçaria, trazendo para a historiografia brasileira o tema da religiosidade popular, comum aos trabalhos da Nova História. A autora aponta na introdução de sua tese a confluência existente em seu texto entre a História das Mentalidades e a História do Imaginário, dentro da preocupação central da pesquisa. Dada a complexidade e especificidade da realidade histórica brasileira, permeada que estava por múltiplos cruzamentos e níveis culturais distintos, a feitiçaria e a religiosidade popular precisam ser encarados, segundo a autora, por um longo processo de sincretização. Esse fenômeno irá ocorrer à medida que avançava o processo colonial, fazendo com que elementos portugueses fossem sincretizados com elementos indígenas e africanos.⁴⁹ É para resolver esse problema que a autora inclui entre suas referências teóricas os trabalhos de Bakhtin para pensar a sincretização e a circularidade cultural na Colônia. Desse modo, as necessidades colocadas pela realidade histórica brasileira é que fazem a autora mobilizar autores de correntes historiográficas distintas, além de trabalhar em vários temas da Nova História ao mesmo tempo.

Ronaldo Vainfas, por sua vez, defende a tese *Trópico dos Pecados*: moral, sexualidade e inquisição no Brasil, em 1988, sob orientação de Eduardo Oliveira França.⁵⁰ Focada no estudo da sexualidade, das práticas sexuais e da repressão do catolicismo à sexualidade colonial, o trabalho insere-se nos estudos de história da sexualidade e das mentalidades em torno do sexo e suas práticas. Trazendo o tema para o período colonial brasileiro, a pesquisa evidencia a relação existente entre as práticas repressivas católicas realizadas no Velho e no Novo mundo.

⁴⁸ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴⁹ SOUZA, 2009, p. 27-28.

⁵⁰ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados*: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Desse modo, o trabalho tem conexão direta com a historiografia francesa dedicada ao tema, trazendo a problemática para a realidade histórica da Colônia, realizando inclusive um grande esforço de pesquisa em compreender as práticas repressivas do catolicismo europeu para então compreender a repressão às práticas sexuais que ocorreram por aqui. Parte significativa do texto estabelece essas conexões via bibliografia, conectando o trabalho à Europa do ponto de vista historiográfico, mas também na perspectiva histórica e temporal, haja vista as digressões entre a Europa e a Colônia.

Mary Del Priore, também em pesquisa de doutoramento, defende a tese: *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*, em 1990, com a orientação de Maria Luiza Marcílio.⁵¹ O trabalho insere-se no campo de estudos do gênero feminino durante o período colonial, aliando essa abordagem com aquelas da Nova História, pois investiga o imaginário da mulher, a “mentalidade coletiva” expressiva de uma profunda misoginia, as “práticas culturais e as representações simbólicas” femininas indicativas da construção de arquétipos que se esperavam das mulheres no período colonial. Desse modo, o texto estuda as construções imaginárias e simbólicas, própria das mentalidades coletivas acerca dos papéis femininos, papéis reais e esperados para a mulher do Brasil Colonial. Podemos apontar diferentes referências teóricas no texto, desde aquelas da Nova História, mas também aquelas oriundas da semiótica e da Nova História Cultural.

Por seu lado, Glória Kok em sua dissertação de mestrado intitulada: *Os vivos e os mortos na América Portuguesa: da antropofagia à água de batismo*,⁵² orientada por Laura de Mello e Souza e defendida em 1993, investiga as mentalidades e o imaginário em torno da morte de indígenas tupis-guaranis e portugueses, indicando verdadeira luta simbólica pelas crenças circunscritas à morte e aos mortos, também no período colonial. Nesse caso, mais uma vez, observamos um tema clássico da Nova História dando origem à pesquisa original na historiografia brasileira. Nesse sentido, a autora mostra como os indígenas pensavam na morte, qual era seu imaginário em torno desse fenômeno, para seguir e compreender como os jesuítas atuaram no sentido de conversão dessa mentalidade e desse imaginário para as formas cristãs de encarar a morte. Mais uma vez, o trânsito pelo tema das mentalidades e do imaginário teve que, necessariamente, considerar as peculiaridades do processo histórico brasileiro, revelando criatividade e atenção aos problemas históricos

⁵¹ DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

⁵² KOK, Glória. *Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água de batismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

brasileiros no processo de produção historiográfica conectada aos novos temas e novas abordagens.

Plínio Freire Gomes, na dissertação de mestrado, defendida em 1994, orientada por também por Laura de Mello e Souza, com o título: *Um herege vai ao paraíso: Cosmologia de ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*,⁵³ estuda o imaginário religioso e a cosmologia de um cristão-velho, Pedro Hates de Henequim, preso pela Inquisição, com fortes semelhanças com o trabalho de Ginzburg, *O queijo e os vermes*, citado na introdução e no corpo do texto inúmeras vezes. Nesse caso, o imaginário e a cosmologia desse personagem histórico teriam sido forjados de forma peculiar devido ao período em que este viveu no Brasil colonial. Micro-história, imaginário religioso e mentalidades se entrecruzam na análise de Gomes para mostrar a cosmologia religiosa dum homem que viveu sempre dividido em vários mundos culturais, sendo o mundo europeu e do Brasil Colônia os mais evidentes. Os mesmos procedimentos teóricos e metodológicos aparecem aqui.

Eliana Maria Rea Goldschmidt defende, em 1991, a tese intitulada: *Convivendo com o pecado: na sociedade colonial paulista (1719-1822)*,⁵⁴ com a orientação de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. A pesquisa está inserida também no campo confluyente da História da Sexualidade e das Mentalidades, estudando a sexualidade ilícita no período colonial paulista, isto é, estudando os processos de normatização das práticas sexuais pelo Catolicismo Tridentino, notadamente as práticas de sedução, adultério, concubinato, cópulas consideradas ilícitas, entre outras questões que revelam a “dominação individual de corpos e de consciências”. A obra volta-se para a compreensão desse processo principalmente no que diz respeito à sexualidade feminina, conectando-se com a historiografia de gênero, podendo ser apontada ainda relação direta com a história do cotidiano, sobretudo pela minuciosa reconstrução da convivência dos paulistas nos processos de transgressão das normas eclesiásticas, algo que também pode ser observado nos trabalhos anteriormente citados nesse artigo.

De maneira geral, esses trabalhos trabalham com perspectivas temporais de longa duração,⁵⁵ pois se referem a temporalidades de um a três séculos, ao mesmo tempo em que buscam referências na longuíssima

⁵³ GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁵⁴ GOLDSCHMIDT, Eliana Maria Rea. *Convivendo com o pecado: na sociedade colonial paulista (1719-1822)*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁵⁵ Dada a temporalidade histórica brasileira, bastante curta em relação à europeia, utilizamos o termo longa duração para a indicação de períodos de dois a três séculos, e longuíssima duração para se referir a temporalidades mais longas, que perpassam vários séculos.

duração europeia, dentro das correlações apontadas acima entre a realidade histórica brasileira e europeia. Outra característica importante a ser assinalada, é que dos seis trabalhos aqui elencados, todos se referem ao período colonial, não trazendo datações precisas do período a que a pesquisa se refere. Isso é algo interessante, pois é notória a preferência dos historiadores dos Annales para estudos voltados ao período Medieval e Moderno, sendo pouco comum trabalhos em história das mentalidades que se referem à História Contemporânea. Aqui a preferência será dada ao período colonial, nesse e nos demais temas. Com relação aos processos de mudança, em todos eles existem preocupações com mudanças lentas, do plano das mentalidades, na medida em que buscam traçar processos de cruzamentos entre uma mentalidade europeia e outra brasileira. Assim, observa-se a tentativa do aparato Colonial de mudar as mentalidades no Brasil Colônia de acordo com ditames metropolitanos, seja no enquadramento da sexualidade, seja no das religiosidades, seja no papel da mulher e mesmo na concepção de morte dos indígenas brasileiros. Desse modo, esses trabalhos estão duplamente conectados à historiografia global: do ponto de vista historiográfico, isto é, teórica e metodologicamente, mas também do ponto de vista histórico, haja vista a correlação entre a realidade histórica europeia e colonial.

Em Gomes e Goldschmidt, a temporalidade também é colonial, porém são os únicos dos trabalhos a trazerem uma datação mais precisa. Em Gomes, a datação concernente ao período de 1680 a 1744 refere-se à vida do personagem central da obra. Mesmo assim, o trabalho também busca na longa duração europeia explicações para algumas das concepções cosmológicas de Henequim.⁵⁶

Em Goldschmidt, a datação está entre 1719 a 1822 e refere-se à fonte principal do trabalho, o compêndio legislativo *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, conjunto de normas eclesiásticas que vigorou no período compreendido pela pesquisa. Nesse caso específico, existe pouca preocupação com a mudança histórica, sendo sintomática da antropologização da história, ou seja, a preocupação em perceber as práticas eclesiásticas e sua normatização por parte da Igreja sem apontar mudanças importantes que essa normatização infligia nos comportamentos sexuais. Ao mesmo tempo, as referências às práticas sexuais e a normatização da Igreja se realizam recorrendo-se à longa duração da história católica, desde o primeiro capítulo. Característica central da antropologização da história, o tempo lento, estrutural, marcado mais pelas permanências do que propriamente pelas mudanças é evidência marcante encontrada na produção brasileira antropologizada.

⁵⁶ Ver, por exemplo, o capítulo 5: A polifonia da Criação. In: GOMES, 1997, p. 80-96.

As fontes dessas pesquisas são praticamente as mesmas e revelam outra correlação com a historiografia da Nova História, porém com algumas peculiaridades concernentes ao Brasil Colônia. Em todos esses trabalhos são utilizadas fontes eclesíásticas, entre outras, aquelas produzidas pelo Santo Ofício, característica comum também aos Annales. Porém, nesses trabalhos as fontes são aquelas produzidas pelas visitas do Santo Ofício no Brasil Colônia, fontes que foram publicadas ao longo do século XX. Outra peculiaridade fica por conta da utilização dos cronistas, Jesuítas em especial, mas também os viajantes que abundavam em terras brasileiras, recurso utilizado em todas essas pesquisas. Há ainda a utilização de correspondências, documentação oficial do Estado Colonial Português, além de arquivos da Torre do Tombo. De maneira geral, tudo é fonte para a história também na historiografia brasileira antropologizada pelos contatos com a Nova História.

Metodologicamente, as análises dessas fontes trazem a especificidade da realidade histórica brasileira, objeto central desses estudos, contudo, como existe forte relação desses temas com a realidade histórica europeia, e não sendo possível em todos os casos que os autores realizem trabalho com fontes para essa realidade, o que se observa é a utilização da bibliografia estrangeira para dar conta dessa problemática, algo comum na maior parte desses textos. Esse procedimento é amplamente adotado, com isso, existem muitas digressões, idas e vindas à Europa e ao Brasil Colonial sendo realizadas nos textos através da bibliografia francesa. Tal recurso metodológico aproxima essas duas realidades históricas. Para esses autores, existem conexões diretas entre a Europa e o Brasil Colonial no plano do imaginário, das mentalidades, da religiosidade e da sexualidade, fazendo com que os estudos historiográficos europeus, franceses, principalmente, possam ser citados como referência para questões históricas encontradas no Brasil.⁵⁷ Talvez nesse ponto possamos encontrar a descontextualização tão alardeada como característica da historiografia pós-moderna tal como preconizada por Ankersmit.⁵⁸

Por isso, no que diz respeito ao diálogo com a bibliografia francesa, em todos esses trabalhos ela está presente. De forma geral, os autores da

⁵⁷ Seguem indicações de capítulos que comprovam nossas afirmações, não desenvolvidas pela falta de espaço. Em Vainfas ver capítulo 01, intitulado a *contrarreforma e o além-mar*. Em Souza o capítulo 01, intitulado: *Riquezas e impiedade: a sina da colônia*. Em Priore ver a parte 01, Mulher e história. No texto de Gomes ver capítulo 5: *A polifonia da criação*. Em Kok ver capítulo 3: O triunfo da pedagogia cristã. Em Barreiro ver parte II: *Das representações à práticas sociais*. Em Goldschmidt ver capítulo 01: *O pecado original e o livre-arbítrio*.

⁵⁸ ANKERSMIT, Frank R. Historicismo, pós-modernismo e historiografia. In: MALERBA, Jurandir. *A História escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo, Contexto, 2006.

Nova História, Le Goff, Duby, Flandrin, Delameau, Burguière, Ariès, Mandrou, Ladorie são presença constante nesses seis textos. Laura de Mello e Souza, por exemplo, mostra que a escolha do tema é debitada das leituras feitas na obra de Le Goff, Ginzburg e Delameau,⁵⁹ e no prefácio da edição publicada em 2003, a autora aponta de forma mais detida tais relações, indicando contatos com a bibliografia norte americana sobre o tema, e de antropólogos, dos quais falaremos adiante. Vainfas, por seu turno, fala em inspirações recebidas dos trabalhos de Ariès, Flandrin, Bérard, Ladorie, Bennassar, Dedieu, Ginzburg, Foucault, Bakhtin.⁶⁰

No trabalho de Plínio Freire Gomes, há referências a Bakhtin, Braudel, Burke, Barthes, Delameau, Chaunu, Le Goff, Ladorie, Vovelle, a muitos trabalhos de Ginzburg, a Christopher Hill, Thompson. Na sua introdução, Gomes diz como a historiografia com a qual ele dialoga, substitui a noção antropológica de um conceito de cultura coletivamente partilhado, introduzindo-se nas discussões em torno das clivagens, circularidades e níveis culturais, citando nesse processo Bakhtin, Thompson, Natalie Davis, Robert Darton e Roger Chartier.⁶¹ Contudo, mais uma vez inserindo-se nas discussões teóricas da Nova História e da Nova História Cultural, o autor mostra-se mais afeito à noção de circularidade de Ginzburg e a dialógica de Bakhtin, haja vista que as noções de cultura erudita e popular foram vistas como empobrecedoras por autores como Vovelle e Jean Claude Schmitt.⁶² Mary Del Priore e Glória Kok não fazem menções explícitas na introdução aos autores franceses, contudo, o diálogo com esses autores é uma constante no corpo do texto, aliás, algo presente em todos eles, sobretudo na comparação entre a realidade histórica europeia e brasileira, e ainda, quando a documentação deixa lacunas, essas são preenchidas com a bibliografia francesa.

Em Goldschmidt, percebe-se filiação direta aos estudos de história da sexualidade realizados entre a historiografia francesa, para a autora estudar a sexualidade “constitui, segundo Jean-Louis Flandrin em *Sexo e o Ocidente*, um dos grandes assuntos da história social”.⁶³ Com isso, os autores franceses ocupam posição importante na bibliografia do trabalho, incluindo na lista Foucault, Ariès, Delameau. Interessante nesse texto, é o diálogo com autores da história da sexualidade de outras origens, assim autores latino-americanos, ingleses e norte americanos estão presentes, tais como Charles Boxer, Pablo Rodrigues, Asunción

⁵⁹ SOUZA, 2009, p. 27.

⁶⁰ VAINFAS, 2010, p. 20.

⁶¹ GOMES, 1997, p. 24.

⁶² Idem, p. 24.

⁶³ GOLDSCHMIDT, 1998, p. 20.

Lavrin, A. J. R. Russel-Wood, Ann Twinam. Ao mesmo tempo, toda a bibliografia brasileira produzida sobre a história da sexualidade no Brasil é citada, entre eles o trabalho de Vainfas, Luiz Mott, entre outros.

No que diz respeito à presença da Antropologia nesse conjunto de pesquisas, podemos notar a presença no trabalho de Laura de Mello e Souza de antropólogos tais como Roger Bastide, Bronislaw Malinowski, Evans Pritchard e Keith Thomas. Os dois últimos, especialmente, realizaram importantes estudos sobre magia, bruxaria e religião no contexto das sociedades primitivas. Bastide, por sua vez, têm importantes estudos sobre as religiões africanas no Brasil. Esses autores são citados no corpo do texto, principalmente quando a autora tece reflexões e comparações com seu objeto de estudo.⁶⁴ No prefácio da edição que ora analisamos, a autora aponta a importância na sua pesquisa “que certas obras de Antropologia tiveram para a elaboração da problemática geral deste livro”, para concluir logo depois, que sua abordagem é “eminentemente histórica”.⁶⁵

No trabalho de Vainfas não encontramos referências bibliográficas onde constam antropólogos, o mesmo não acontecendo ao longo do corpo do texto, sendo as referências da Nova História presença constantes, com Foucault sendo interlocutor importante. A mesma característica é encontrada no trabalho de Mary Del Priore e de Goldschmidt. Nesses três casos, estamos diante de uma história antropologizada pelos temas privilegiados e não propriamente pelos contatos teóricos diretos com a Antropologia. Contudo, sabendo que tais temas emergem na historiografia a partir dos contatos da História com a Antropologia, podemos apontar a antropologização da historiografia brasileira que ocorre a através das conexões com esses temas.

A dissertação de Gloria Kok traz na bibliografia autores tais como Pierre Clastres, Hélene Clastres, Lévi-Strauss, Métraux, antropólogo francês estudioso das tribos tupis-guaranis e Marshall Sahlins. A especificidade do objeto de Kok, ou seja, a mentalidade em torno da morte das tribos tupis-guaranis e o processo de incorporação por parte dessas tribos da mentalidade cristã e europeia fez com que a autora utilizasse as contribuições antropológicas, com a incorporação do conhecimento antropológico sobre essas tribos como uma constante em todo o texto, sendo o primeiro capítulo exemplar. Com isso, na construção do capítulo 01 da dissertação, intitulado: *Os mortos em desassossego*, dedicado a compreender a mentalidade em torno da morte entre os indígenas brasileiros, a autora usa tanto fontes como as crônicas jesuíticas, os

⁶⁴ Exemplar nesse processo é o capítulo 2: *Religiosidade Popular na Colônia*.

⁶⁵ SOUZA, 2009, p. 22.

relatos dos viajantes quinhentistas, mas também e principalmente os trabalhos de antropólogos brasileiros, tais como Eduardo Viveiros de Castro, Manuela Carneiro da Cunha, o trabalho de Florestan Fernandes sobre os Tupinambás, e ainda, os antropólogos citados acima. Metodologicamente, as análises da autora vão mesclando o uso de fontes do período com as pesquisas antropológicas, solidificando suas análises históricas em confluência com as análises antropológicas. Ao relatar as concepções dos indígenas sobre a morte de seus inimigos nos rituais de antropofagia, a autora cita as observações do padre Manoel da Nóbrega, a seguir do jesuíta Fernão Cardim, para logo em seguida, citar Eduardo Viveiros de Castro, realizando a comparação entre o observado nas fontes e entre o observado pelo antropólogo em estudo realizado no século XX. Estaríamos diante de outra descontextualização, dessa vez temporal?⁶⁶

Nas referências bibliográficas do texto de Gomes, apontamos a presença de Roger Bastide, quatro textos de Claude Lévi-Strauss, a Métraux, citados ao longo do corpo do texto eventualmente. No capítulo 4, *o sexo dos anjos*, Gomes filia-se sua técnica de análise àquelas da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, na tentativa de compreender o significado das ideias de Henequim, Gomes afirma que “essa estratégia de abordagem remete ao modelo de análise estrutural. Supondo que suas proposições funcionavam como ‘mitemas’, procurarei inseri-las num eixo simultaneamente diacrônico e sincrônico”.⁶⁷ Porém, na continuação de sua argumentação na mesma página, ele diz que seus “exercícios estão muito distantes daqueles apontados pela antropologia estruturalista”,⁶⁸ pois segundo ele, o antropólogo analisa sociedades inteiras, enquanto que ele apenas um indivíduo, e mais, a antropologia fica apenas centrada na estrutura inconsciente, enquanto que as ideias de Henequim encontravam-se no plano da sua consciência. Nesse caso, é metodológica a inspiração buscada na Antropologia.

Característica comum a todos os trabalhos elegidos, a inserção dos temas da Nova História na realidade histórica brasileira se faz dentro do diálogo assimétrico, pois os temas, conceitos e metodologias de pesquisa são aplicados à realidade histórica brasileira. Ao mesmo tempo, é perceptível que os historiadores brasileiros enxergam claras conexões entre a realidade histórica europeia e brasileira, com a segunda sendo quase uma continuidade da primeira. Com isso, o diálogo não ocorre apenas no nível historiográfico, mas ocorre também no nível histórico. Na área de História das Mentalidades, do Imaginário, das Religiosidades

⁶⁶ KOK, 2001, p. 25-26

⁶⁷ GOMES, 1997, p. 66.

⁶⁸ GOMES, 1997, p. 66.

e da Sexualidade isso ocorre de maneira sintomática, justificando que façamos a análise conjunta desses trabalhos. Desse modo, do ponto de vista cultural, representado por esses temas, existe um intenso diálogo entre o passado europeu e brasileiro, facilmente perceptível, ainda que ocorra entre o Velho e o Novo Mundo. Malerba acredita numa mestiçagem realizada com grande liberdade criadora nesse processo, com a mescla de muitos temas em um único trabalho ser algo bastante comum.⁶⁹

Considerações finais

A singularidade da inserção da historiografia brasileira na historiografia global – a historiografia brasileira global – foi aqui descrita através do diálogo assimétrico. Percebemos que, por um lado, tomamos parte no desenvolvimento dos conceitos de história e historiografia, bem como acompanhamos várias e complexas discussões epistemológicas da história. Por outro lado, percebemos que boa parte dessas discussões teve nos autores estrangeiros a base teórica necessária para essas interlocuções. E mais, dialogamos com muitas e variadas matrizes teóricas, apropriando e aplicando teorias, conceitos e metodologias de pesquisa nas dissertações e teses dedicadas à compreensão da realidade histórica brasileira.

No Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, foi possível observar certas características desse diálogo assimétrico. A própria formação da historiografia uspiana não escapa a esse processo, claramente evidenciada pela presença dos mestres franceses e pela interlocução mantida com os *Annales* em todo o século XX, sobretudo nas páginas da *Revista de História*.⁷⁰ Nos anos 1980 e 1990, o diálogo acontecerá com várias correntes teóricas ao mesmo tempo, e a interlocução direta com a terceira geração dos *Annales* desdobrou-se em linhas e sublinhas de pesquisa, culminando na produção de 49 dissertações e teses num período de dez anos.

Esses trabalhos, certamente, descortinaram elementos novos do passado histórico brasileiro, ampliando nossa visão para as questões concernentes à História das Mentalidades, do Imaginário, da Religiosidade e da Sexualidade. Contudo, mais uma vez, os espectros do diálogo assimétrico estiveram presentes. Nesse sentido, notamos a confluência de vários temas de pesquisa num mesmo trabalho, e dentro

⁶⁹ MALERBA, 2009, p. 110.

⁷⁰ ALVES, Fabrício Gomes. *Folheando páginas, descobrindo histórias: A Revista de História e difusão da historiografia dos Annales no Brasil (1950-1960)*. Dissertação. (História e Cultura Histórica) Universidade Federal da Paraíba, 2010.

disso, a correlação entre realidades históricas muito distintas, a europeia e a brasileira. Essa correlação marcou essa produção do ponto de vista não só temático, mas também do ponto de vista teórico e metodológico, e são indicações seguras da assimetria do diálogo e dos seus riscos.

A reflexão em torno dos diálogos assimétricos da historiografia brasileira com a historiografia global, o estudo dos lugares e das práticas historiográficas visualizadas na *fabricação* historiográfica pode enriquecer nossa compreensão da história da historiografia brasileira e podem ainda, contribuir para pensarmos no amadurecimento da historiografia brasileira no sentido de criar maiores condições para reflexões teóricas da periferia que possam reverberar no centro.

Recebido em: 20 de outubro de 2017.

Aceito em: 17 de novembro de 2017.